

# O poeta Machado de Assis

Adilson Citelli\*

*Professor livre-docente no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP e chefe do Departamento de Comunicações e Artes.*

*E-mail: citelli@uol.com.br*

Machado de Assis, considerado a partir do final do século XX como o maior romancista brasileiro, foi um dos fundadores e presidente da Academia Brasileira de Letras. Obteve projeção mundial com a tradução de suas principais obras para vários idiomas; críticos como Harold Bloom (Estados Unidos), John Gledson (Inglaterra), Anatole France (França) e Susan Sontag (Estados Unidos), entre muitos outros, têm feito da obra machadiana objeto de seus estudos. É conhecido e exaltado por sua ficção, sobretudo pela tríade *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899), todas impregnadas de registros do seu mais fino e inconfundível estilo: desilusão, sarcasmo e amargor. Embora tenha ficado na memória dos leitores por meio de seus romances e contos, Machado foi também cronista, dramaturgo, ensaísta, crítico e poeta.

## REPRESENTAÇÕES NA CULTURA

Machado de Assis já foi retratado no cinema, interpretado por Jaime Santos no filme *Vendaval Maravilhoso* (1949) e Ludy Montes Claros no filme *Brasília 18%* (2006). Também teve sua efígie impressa nas notas de NCz\$ 1,00 (um Cruzado Novo, até 1989, com valor de mil cruzados) de 1987. Importantes concursos são criados em todo o mundo levando seu nome, a exemplo de Brasília, realizado pelo SESC-DF.

A revista *Comunicação & Educação*, por ocasião do centenário da morte de Machado de Assis (1839-1908), presta-lhe uma homenagem. De sua fecunda obra, pretendemos apresentar ao leitor uma face do grande ficcionista brasileiro desconhecida por muitos: o poeta Machado de Assis. Ainda que a sua poesia não apresente a sagacidade e a complexidade do pensamento de sua ficção, não deve jamais ser relegada já que, como filha de um gênio, relampeja suas características.

\* Com a colaboração de Cristine Vargas (FFLCH/USP).

## BIOGRAFIA

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 1839. Filho de um pintor mulato e de uma lavadeira açoriana, tornou-se órfão de ambos muito cedo, sendo criado pela madrasta Maria Inês. Já na infância foi acometido de epilepsia e gaguez, males que o acompanhariam durante toda a vida e que lhe dariam uma feição tímida e reservada. Seus primeiros estudos foram realizados em escola pública e acompanhados por um padre amigo, Silveira Sarmiento, que lhe ministrou aulas de francês e latim. Entretanto, foi como autodidata que o escritor solidificou sua vasta cultura literária, que incluía renomados escritores internacionais. Seu primeiro ofício foi exercido como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional; pouco tempo depois, foi admitido no *Correio Mercantil*. Em 1860, através de Quintino Bocaiúva, foi introduzido no *Diário do Rio de Janeiro*, para o qual fazia resenhas dos debates do Senado usando uma linguagem sarcástica. Aos trinta anos de idade, casou-se com Carolina Xavier de Novais, que seria sua companheira até a morte. Sua figura inspirou a personagem Dona Carmo, de *Memorial de Aires*.

Posteriormente, ascendeu na carreira de servidor público, primeiro no *Diário Oficial* (1867-1873) e, a partir de 1874, no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas como primeiro-oficial, aposentando-se no cargo de diretor do Ministério da Viação e Obras Públicas. Amparado pela carreira burocrática, pôde dedicar-se à vocação de escritor. Entre 1870 e 1880 foram publicados *Contos Fluminenses* (1870), *Ressurreição* (1872), *Histórias da Meia-Noite* (1873), *A Mão e a Luva* (1874) *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). A partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Machado de Assis atinge a maturidade como escritor realista, característica manifestada nas obras subseqüentes: *Histórias sem Data* (1884), *Quincas Borba* (1891), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899), *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904) e *Relíquias da Casa Velha* (1906). O último romance, *Memorial de Aires* (1906), foi escrito após a morte de Carolina. Dois anos depois o escritor foi vítima de uma úlcera maligna, falecendo aos 69 anos.

## SOBRE A POESIA DE MACHADO DE ASSIS

A primeira manifestação literária de Machado de Assis foi feita justamente através da poesia: aos 16 anos, publicou o poema Ela, no periódico *A Marmota*. A partir desta fase, até os 25 anos, produziu apenas obras teatrais. Somente em 1864 publicou *Crisálidas*, seu primeiro livro de poesias. Seis anos depois vem a público *Falenas*, mesmo ano em que são publicados os *Contos Fluminenses*. *Crisálidas* e *Falenas* apresentam uma mistura de lirismo e parnasianismo; líricos em seus temas e parnasianos por buscarem o preciosismo na forma. Em 1875, publica *Americanas*, que mostra influências do célebre escritor romântico José de Alencar, que acreditava, como tantos outros de sua época, estar no

elemento indígena a genuína poesia brasileira. Em 1901, o escritor publica *Poesias Completas*, uma coletânea de poesias que reúne suas obras anteriores, e a então inédita *Ocidentais*. Nesta última, já estavam esboçadas as características realistas do autor, como a ironia e o niilismo ante o código de aparências a que os homens se impõem na sociedade.

Os poemas apresentados a seguir foram todos escritos em sua maturidade. *A Mosca Azul*, *Círculo Vicioso* e *Suave Mari Magno* retratam o escritor irônico, analítico e mordaz; já *Carolina* é um soneto pleno de lirismo e beleza dedicado à esposa falecida.

### **A mosca azul**

Era uma mosca azul, asas de ouro e granada,  
Filha da China ou do Indostão.  
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada.  
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia,  
Refulgindo ao clarão do sol  
E da lua — melhor do que refulgiria  
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,  
Um poleá lhe perguntou:  
— “Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho,  
Dize, quem foi que te ensinou?”.

Então ela, voando e revoando, disse:  
— “Eu sou a vida, eu sou a flor  
Das graças, o padrão da eterna meninice,  
E mais a glória, e mais o amor”.

E ele deixou-se estar a contemplá-la, mudo  
E tranqüilo, como um faquir,  
Como alguém que ficou deslembado de tudo,  
Sem comparar, nem refletir.

Entre as asas do inseto a voar no espaço,  
Uma coisa me pareceu  
Que surdia, com todo o resplendor de um paço,  
Eu vi um rosto que era o seu.

Era ele, era um rei, o rei de Cachemira,  
Que tinha sobre o colo nu  
Um imenso colar de opala, e uma safira  
Tirada ao corpo de Vichnu.

Cem mulheres em flor, cem nairas superfinas,  
Aos pés dele, no liso chão,  
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,  
E todo o amor que têm lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem etíopes feios,  
Com grandes leques de avestruz,  
Refrescam-lhes de manso os aromados seios.  
Voluptuosamente nus.

Vinha a glória depois; — quatorze reis vencidos,  
E enfim as páreas triunfais  
De trezentas nações, e os parabéns unidos  
Das coroas ocidentais.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto  
Das mulheres e dos varões,  
Como em água que deixa o fundo descoberto,  
Via limpos os corações.

Então ele, estendendo a mão calosa e tosca.  
Afeita a só carpintejar,  
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,  
Curioso de a examinar.

Quis vê-la, quis saber a causa do mistério.  
E, fechando-a na mão, sorriu  
De contente, ao pensar que ali tinha um império,  
E para casa se partiu.

Alvorocado chega, examina, e parece  
Que se houve nessa ocupação  
Miudamente, como um homem que quisesse  
Dissecar a sua ilusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela,  
Rota, baça, nojenta, vil  
Sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela  
Visão fantástica e sutil.

Hoje quando ele aí cai, de áloe e cardamomo  
Na cabeça, com ar taful  
Dizem que ensandeceu e que não sabe como  
Perdeu a sua mosca azul.

### *Círculo vicioso*

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:  
“Quem me dera que eu fosse aquela loira estrela  
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”  
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

“Pudesse eu copiar-te o transparente lume,  
Que, da grega coluna à gótica janela,  
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela”  
Mas a lua, fitando o sol com azedume:

“Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela  
Claridade imortal, que toda a luz resume!”  
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

Pesa-me esta brilhante auréola de nume...  
Enfara-me esta luz e desmedida umbela...  
Por que não nasci eu um simples vagalume?”...

### *Suave Mari Magno*

Lembra-me que, em certo dia,  
Na rua, ao sol de verão,  
Envenenado morria  
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,  
De um riso espúrio e bufão,  
Ventre e pernas sacudia  
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso  
Passava, sem se deter,  
Silencioso,  
Junto ao cão que ia morrer,  
Como se lhe desse gozo  
Ver padecer.

## Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.  
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apetecida  
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores – restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. Machado de Assis: poesia / por Péricles Eugênio da Silva Ramos. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

\_\_\_\_\_. **Poesias completas**. Rio de Janeiro/São Paulo: W. M. Jackson, 1938.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2001.

HADDAD, Jamil Almansur. **Poemas de amor de Machado de Assis**. Introdução, organização e seleção de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

## Endereço eletrônico

**Machado de Assis**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado\\_de\\_Assis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis)>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2007.